

FRAGMENTOS DO QUOTIDIANO URBANO DE TORRES VEDRAS, ENTRE OS SÉCULOS XV E XVIII

UM OLHAR ATRAVÉS DOS OBJECTOS DO POÇO DOS PAÇOS DO CONCELHO

GUILHERME CARDOSO Assembleia Distrital de Lisboa

ISABEL LUNA Museu Municipal de Torres Vedras

RESUMO Localizado no centro da urbe torriense, num pequeno pátio que dava para uma antiga padaria, existe um poço de planta rectangular que sofreu uma intervenção arqueológica no ano de 2000, aproveitando os trabalhos de remodelação dos antigos Paços do Concelho de Torres Vedras, onde posteriormente ficou integrado.

A escavação, realizada pela Câmara Municipal de Torres Vedras e pela Assembleia Distrital de Lisboa, com a colaboração de elementos do Espelelo Clube de Torres Vedras, decorreu nos meses de Julho e Agosto, época em que o nível freático se apresentava mais baixo. Mesmo assim, a partir dos dez metros de profundidade, foi necessário escoar diariamente a água do poço, obrigando a que os trabalhos fossem sempre executados em meio húmido, sendo a recolha dos materiais arqueológicos efectuada com o auxílio de crivos de água.

O estudo das centenas de peças recolhidas, datadas de entre os séculos XV e XX, tem permitido obter, não apenas uma importante informação sobre os próprios objectos – as suas tipologias e evolução ao longo dos tempos –, mas também uma visão, ainda que fragmentada, da vida quotidiana torriense, durante os últimos cinco séculos. Nesta perspectiva, o poço dos Paços do Concelho permitiu como que abrir uma pequena janela sobre o passado daquela cidade estremenha.

PALAVRAS-CHAVE Poço, metais, madeiras, osso, cerâmica

1. INTRODUÇÃO

No início do ano 2000, a realização de obras no edifício dos Paços do Concelho de Torres Vedras e numa antiga padaria anexa, obrigou ao levantamento topográfico completo das instalações, para a obtenção de um registo rigoroso do espaço a intervencionar.

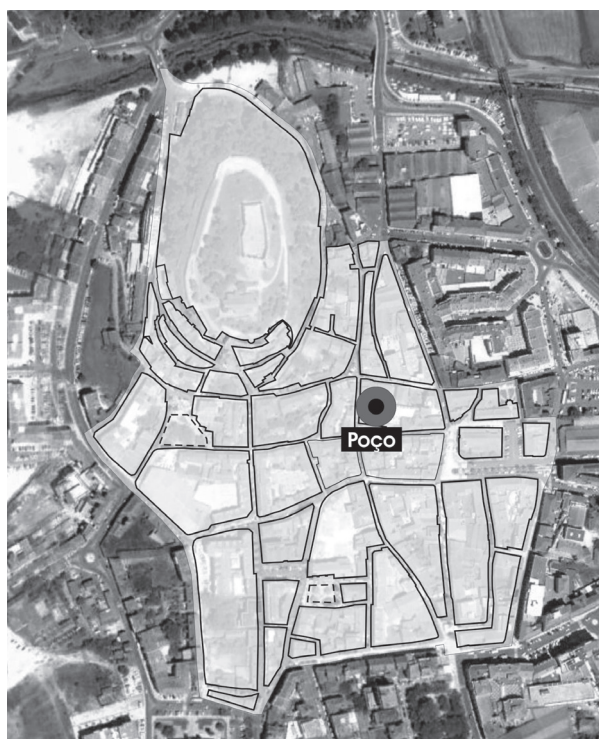
A descoberta de um poço, sob as paredes das habitações que delimitavam o ângulo nordeste do pátio da antiga padaria, ditou uma observação mais atenta, que revelou a existência de dois arcos de tijoleira para descarga do peso das referidas paredes. Era, pois, um poço antigo, que urgia registar em planta e alçado, uma vez que o projecto de arquitectura do novo edifício não previra, inicialmente, a sua salvaguarda.

Aquando da construção da padaria, sobre o poço, o acesso a esta estrutura passou a ser feito através de uma pequena abertura na fachada lateral do imóvel – posteriormente disfarçada. Nestas circunstâncias, dada a dificuldade de acesso ao interior foi solicitada a colaboração do Espelelo Clube de Torres Vedras, para a realização do levantamento topográfico da construção. No início dos trabalhos, – que se encontrava cheio de água – registava uma profundidade de cerca de oito metros, estando o fundo entulhado com diversastábuas

de madeira, garrafas, pneus, quadros de bicicletas, animais mortos e outros despejos recentes, que foram retirados para se conseguir obter a maior altura possível de alçado.

Aos dez metros de profundidade, entre os entulhos, surgiram alguns objectos dos inícios do século XX. Encontrávamo-nos, pois, na presença de materiais antigos, pelo que se decidiu solicitar ao Instituto Português de Arqueologia (IPA) autorização para se proceder a uma escavação sistemática do poço, com a finalidade de se observar a estrutura na íntegra e de se tentar perceber a data da sua construção.

Ao tomar conhecimento da descoberta, a Câmara Municipal de Torres Vedras viria a apoiar a realização de trabalhos arqueológicos, dirigidos pelos signatários, que contaram com o apoio excepcional do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), ao destacar para o local o técnico de arqueologia Emanuel Carvalho, que liderou a equipa do Espelelo Clube de Torres Vedras, encarregada da escavação. Contou-se, ainda, com o apoio do Departamento de Obras Municipais da autarquia, dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras e dos Serviços Municipalizados que, quase como um piquete de emergência, foram resolvendo todos os problemas técnicos relativos ao



1. Localização do poço em sobreposição da planta da vila medieval a imagem aérea actual de Torres Vedras.

esgotamento contínuo da água, montando e desmontando sucessivamente bombas hidráulicas cada vez mais potentes, à medida que a profundidade do poço aumentava (a certa altura, trabalhava-se já a um nível muito inferior ao do actual leito do rio Sizandro).

2. O POÇO

Após a escavação do poço verificou-se que aquele possuía uma secção rectangular, com 1,50 m x 1,25 m. A sua base, localizada à profundidade de cerca de 16,00 m em relação à tampa de cobertura, assenta directamente nas *margas da Abadia* – do período Jurássico (Lusitaniano Superior) –, de acordo com a Carta Geológica 1/50.000, n.º 30-C, dos Serviços Geológicos de Portugal.

No seu troço mais antigo – numa altura de 2,80 m, entre os -16,00 m e os -13,20 m de profundidade –, a construção das paredes de alvenaria foi feita com recurso a grandes pedras de calcário da região, apenas afeiçoadas, sem qualquer argamassa a ligá-las, formando como que uma base de apoio da estrutura ulterior do poço. Daí para cima, até à cota de -3,00 m, o aparelho de alvenaria é constituído por pedras mais pequenas, cuidadosamente colocadas em fiadas horizontais, cujos interstícios são preenchidos com pequenas pedras em forma de cunha, para travamento das pedras maiores. Junto ao canto noroeste, pequenos degraus, espaçados entre si cerca de 0,50 m a 0,70 m de altura, constituídos por pedras salientes, alternam entre as paredes norte e poente,



2. Entrada do poço, na fachada lateral da padaria.

de modo a possibilitar o acesso ao fundo do poço, nomeadamente em caso de limpeza.

Da cota -3,00 m até à cota 0 m, os degraus desaparecem e as pedras passam a ser mais arredondadas. Daí para cima existe uma parede de alvenaria argamassada, em cuja face nascente se situa uma porta emparedada. Sobre todo o conjunto, na metade nascente do poço, assentam dois arcos ogivais de tijolo – de tijolo de burro e de tijolo de dois furos –, da época da construção da unidade industrial de panificação.

A irregularidade das pedras e os espaços entre si resultam numa alta permeabilidade das suas paredes, possibilitando que a água contida no lençol freático penetre facilmente no poço. As frestas entre os blocos são, na verdade, o único meio possível de inundar o poço, visto que o fundo argiloso não possibilita qualquer subida de águas através dele.

Verificou-se que a água subia cerca de 0,5 m desde o abandono dos trabalhos, às 17 horas, até ao recomeço, às 9 horas do dia seguinte, o que dá cerca de 0,890 m³ em 24 horas.

É difícil calcular o número de pessoas que se podiam servir do poço diariamente mas, se atribuirmos 25 litros de água a cada indivíduo, chegamos ao número de 35 pessoas, o que seria aceitável para os gastos com a higiene e alimentação de cerca de 10 famílias.

Inicialmente, pensou-se que o troço superior da estrutura tivesse resultado de uma subida considerável da cota do solo adjacente. Todavia, uma pequena sondagem efectuada no pátio, junto ao poço, permitiu verificar que o nível da boca do poço teria subido apenas um metro



3. Pormenor do troço inferior, construído em pedra seca.

desde os finais do século XIX, cobrindo os vestígios do que parecia ser um muro de divisão de propriedade, que assentava sobre um piso calçetado, sob o qual foram recolhidos alguns numismas e cerâmicas da 1.ª dinastia.

2.1 A escavação

Um dos problemas que se colocaram durante os trabalhos foi o facto de a escavação ter decorrido sistematicamente em meio húmido fechado. Sem grandes hipóteses de apoio para os pés, os técnicos tiveram de posicionar-se directamente sobre a camada a escavar, provocando o afundamento de peças mais pequenas, que penetravam alguns centímetros na camada inferior. Assim, a escavação teve de ser realizada removendo camadas de lodo de cotas diferentes, alternadamente entre a metade poente e a metade nascente da estrutura, conforme o permitia o posicionamento dos escavadores. Isso obrigou a que se procedesse a uma estratigrafia artificial, orientada pela profundidade diária atingida. A posterior seriação dos objectos e a colagem dos vários fragmentos constituintes das mesmas peças, ainda que recolhidos em dias e a profundidades diferentes – mas contíguas –, possibilitou a afinação da cronologia da lenta colmatação do poço. Outro problema prende-se com a identificação e reconstituição da zona de impacto dos materiais caídos no poço. Formando habitualmente um cone de deposição, devido às águas paradas, os objectos mais recentes podem ficar a cotas inferiores ao resvalarem pela sua vertente lateral ou, ao afundarem, deslocarem-se do ponto de queda.



4. Interior do poço.

Houve, certamente, várias intervenções de limpeza do poço, desde a sua construção. Um dos indícios que nos levam a essa conclusão é a raridade de peças completas (nomeadamente de cerâmica fosca) ou a existência de meros fragmentos isolados (por exemplo, de peças de majólica), no troço mais profundo da construção, entre os -16,00 m e os -15,00 m. O aparecimento de uma enxada de ferro, entre os -14,80 m e os -14,60 m, sugere-nos também a possibilidade de a mesma ter sido utilizada durante trabalhos de limpeza.

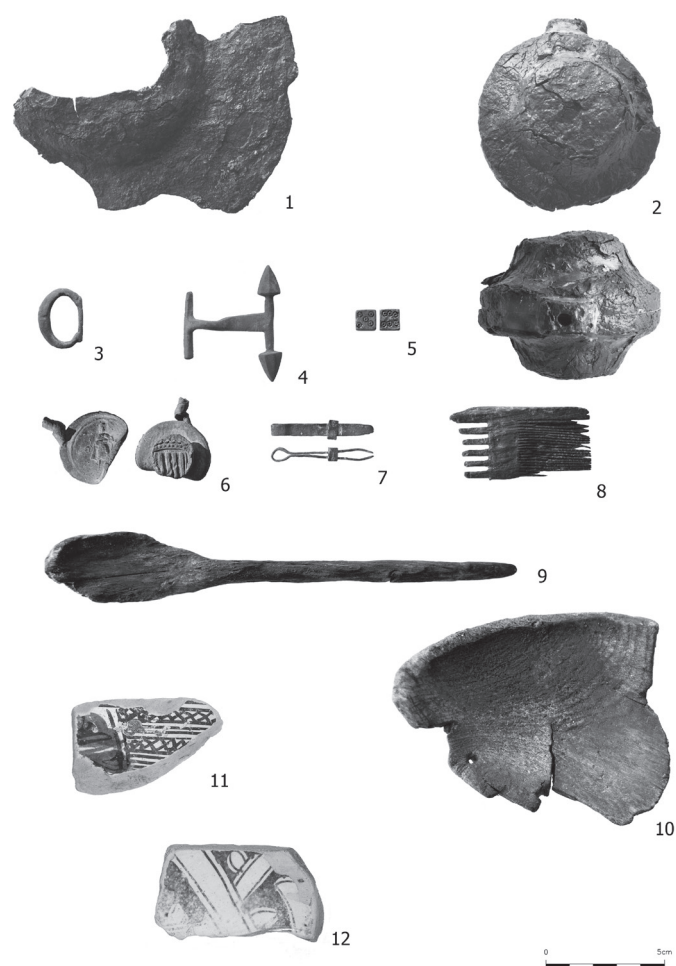
3. AS VIVÊNCIAS

Dos oito metros de despejos e lixos acumulados no interior do poço, verificou-se que os 5,50 m superiores continham apenas materiais dos séculos XIX e XX, cobrindo um espaço temporal de 200 anos, enquanto os 2,40 m que assentavam sobre o fundo estavam preenchidos com materiais dos séculos XV a XVIII, correspondendo a um período de 350 anos.

Embora o tratamento e o estudo dos materiais se encontrem ainda longe de estarem concluídos, podemos contudo retirar já algumas ilações da sua observação.

3.1 O século XV

Quem terá mandado construir o poço e em que data? As respostas a estas questões são-nos dadas pelos objectos recolhidos nos últimos dias da escavação, nas camadas mais profundas da estrutura.



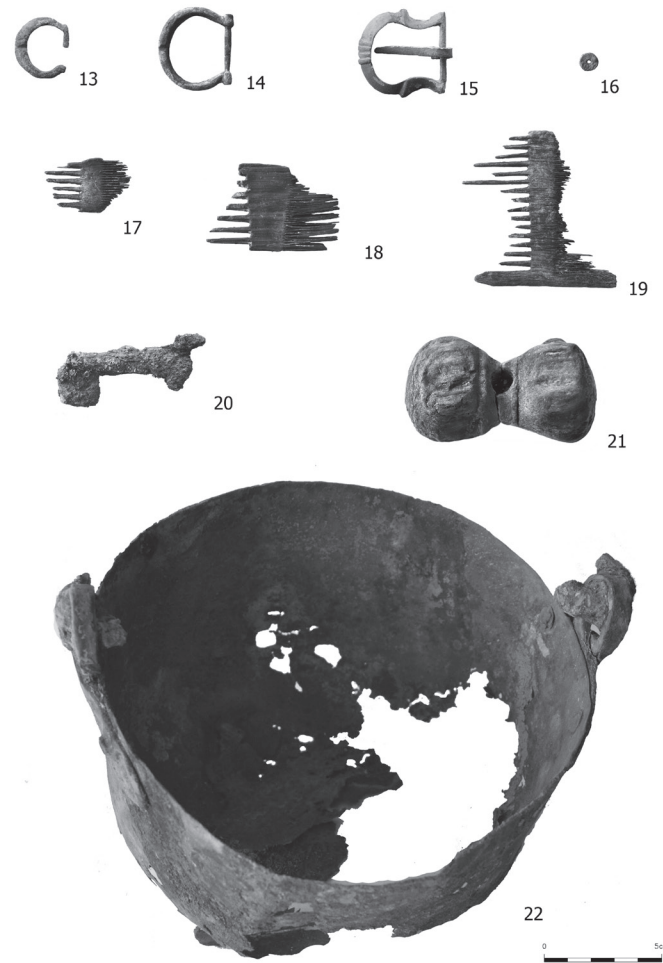
A construção de um poço com estas características teria um custo avultado, pelo que só seria acessível a quem dispusesse de rendimentos consideráveis. A posição elevada do seu construtor pode ainda inferir-se da localização central da estrutura, na malha urbana de Torres Vedras, num espaço privilegiado da urbe medieval. De facto, a construção confinava com o edifício do senado municipal e distava 100 m do Paço das Rainhas, situando-se, ainda, a cerca de 90 m da igreja paroquial de S. Pedro, a 80 m da sinagoga, a 150 m da igreja de S.^{ta} Maria do Castelo, a 160 m da igreja paroquial de S. Tiago, a 160 m do Paço dos Alcaldes e a 110 m do Chafariz dos Canos.

Nos últimos estratos escavados, entre os -15,30 m e os 16,00 m, no meio de bolsas de lodo com algumas pedras, margas verdes e argila, surgiu um conjunto bastante sugestivo de materiais, do qual se destacam, pela sua raridade, um broquel de ferro (fig. 1), o pomo de ferro do punho de uma espada (fig. 2), uma fivela de aro oval, em liga de cobre (fig. 3) e um fecho de cinturão com espigão terminal no farsilhão, decorado com botões cónicos facetados, igualmente em liga de cobre (fig. 4).

O broquel era um pequeno escudo que se segurava com uma mão ou que se encaixava no antebraço, enquanto

a outra mão segurava uma arma, sendo muito utilizado durante os séculos XV e XVI, em Itália e em Espanha. Para o pomo do punho da espada, encontramos paralelos iconográficos em três dos painéis de São Vicente, do Museu Nacional de Arte Antiga, designadamente os painéis do Infante, do Arcebispo e dos Cavaleiros, atribuídos a Nuno Gonçalves, que os terá pintado entre 1470 e 1480. Starkie Gardner, num estudo sobre armamento, apresenta uma espada inglesa, da colecção de Sir Noel Paton, com um pomo muito semelhante, datando-a do século XV (Gardner, 2010, fig. 20).

Também os apetrechos recolhidos têm paralelos no painel dos Cavaleiros, do conjunto de São Vicente: uma fivela idêntica é usada pelo cavaleiro ajoelhado, em primeiro plano, enquanto o fecho de cinturão usado pelo cavaleiro de barrete vermelho, em segundo plano, é também semelhante a um encontrado no poço e igualmente idêntico a outro encontrado em Beja e publicado por Abel Viana (Viana, 1944, p. 160, fig. 10). São objectos característicos da nobreza guerreira, possivelmente restos do equipamento e guarnição de um cavaleiro ou de um fidalgo. Para além destes artefactos foi também encontrado um selo de chumbo (fig. 6). Segundo Metelo de Seixas, nele encontra-se

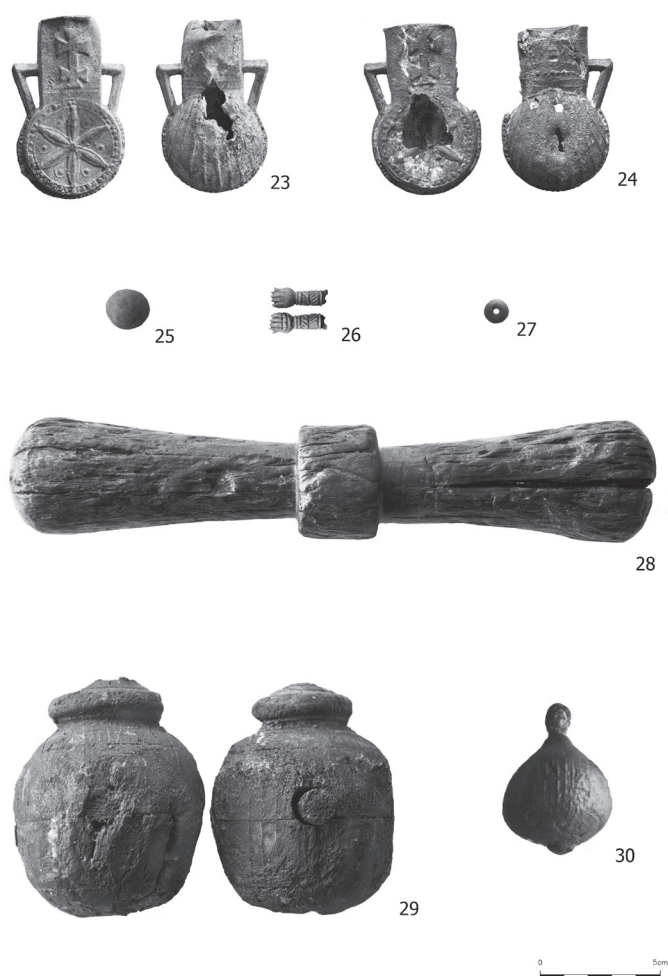


representado o brasão de uma rainha da casa de Aragão, colocando a hipótese de se poder tratar da rainha Santa Isabel, esposa de D. Dinis, ou da rainha D. Leonor de Aragão, esposa de D. Duarte (Seixas, 2004). Ambas foram donatárias de Torres Vedras, onde tiveram palácio. No final do ano de 1300, em Março/Abril de 1305, Novembro de 1313 e em Maio, Junho e Outubro 1318, D. Dinis residiu com D. Isabel nesta vila estremenha. Por sua vez, a rainha D. Leonor viveu por várias vezes em Torres Vedras, acompanhada por D. Duarte, entre 13 de Abril de 1433 e 2 de Outubro de 1436. Nesta vila, a 18 de Setembro de 1434, deu à luz a infanta D. Leonor, que viria a esposar Frederico III, imperador da Alemanha.

No mesmo estrato encontrou-se um dado de osso (fig. 5), que nos remete para a prática de jogos de azar nas proximidades do poço, associada à ocupação de tempos de lazer. Já a pinça em liga de cobre (fig. 7) e o pente de madeira para piolhos¹ (fig. 8), apontam para os cuidados de beleza e higiene dos residentes. A colher de pau (fig. 9), a tigela de madeira (fig. 10) e os

dois fragmentos de majólicas decoradas com reflexos metálicos (figs. 11 e 12), integram um conjunto muito significativo de utensílios como panelas, tachos e bilhas, já parcialmente incluídas no artigo que apresentámos no 3.º *Seminário do Património da Região Oeste* (Luna e Cardoso, 2006), e que provam a utilização da água do poço nas lavagens quotidianas da louça de mesa e cozinha. Uma amostra do lodo recolhido no fundo do poço e analisada no Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências do IPA, permitiu recriar uma imagem aproximada da paisagem envolvente do poço, durante as suas épocas mais recuadas, baseada numa vegetação constituída por áreas de pinhal, carvalhal, mata ribeirinha e matagais altos, estando estes últimos mais fracamente representados. Registou-se a presença de pólen de zelha, elemento característico do carvalhal e relativamente raro nos carvalhais actuais. A mata ribeirinha era composta essencialmente por salgueiros, freixos e sanguinhos de água. Os matagais eram essencialmente urzais de urze-roxa, urze das vassouras e tojo. Por sua vez, as unidades de vegetação mais representadas na amostra, permitiram identificar formações ruderais e de daninhas de cultura, seguidas das culturas de sequeiro, hortas, vinhas e pomares –

1. A recolha de vários materiais orgânicos no interior do poço justificou-se pelas condições anaeróbicas do meio em que se encontravam.



de carácter adjacente –, com elevada representação dos pomares de citrinos. Verificou-se uma presença mais modesta de vestígios de castanheiros, vinha, figo e romã, bem como dos matos rasteiros e charnecas (sendo o território próximo, muito provavelmente, sujeito a intensa pastagem). A paisagem de Torres Vedras e da zona imediatamente adjacente seria muito ruralizada, com uma forte presença de espaços rurais, quintas, hortas e rebanhos (Queirós *et alii*, 2002).

3.2 O século XVI

São do século XVI os materiais que se recolheram, fundamentalmente, na cota entre os -14,80 m e os -15,30 m. Entre o lodo e pedras dispersas foram recolhidos fragmentos de peças de cerâmica valenciana e sevilhana, de azulejos de corda seca e de aresta, de um bispote com aba reforçada, um defumador e uma coluna de palmatória, todos com vidrado verde, assim como várias bilhas de pequeno porte (Luna e Cardoso, 2006, p. 21-30).

De entre os objectos metálicos realçam-se três fivelas de cinto, sendo duas do mesmo tipo da encontrada no estrato inferior, enquanto a terceira (fig. 15), mais

elaborada, tem paralelos em São Cucufate, na Vidi-
gueira, onde terá existido um convento na Baixa Idade
Média (Ponte, 1987, p. 145, n.º 64).

Foram recolhidos cinco botões de osso de furo central, mas apenas um identificado em contexto estratigráfico (fig. 16), tendo os restantes sido detectados no crivo de água. Recolheram-se ainda mais quatro fragmentos de pentes de madeira (figs. 17-19), uma pequena chave de ferro (fig. 20), uma noz de prumo (fig. 21) e um balde de cobre, utilizado para retirar água do poço (fig. 22). Para os pentes encontramos paralelos na carga recuperada do naufrágio da embarcação *Angra D* (Garcia *et alii*, 1999, p. 230, fig. 19), datada por carbono¹⁴ de entre o último quartel do século XV e o primeiro quartel do século XVI e confirmada pelas placas de chumbo que forravam o exterior do casco, típicas de navios dos séculos XVI e XVII.

À cota inferior foi recolhida uma âmbula de peregrino (fig. 23) e, no estrato superior, entre os -14, 30 m e os -14, 60 m, foi recolhida uma outra (fig. 24), já numa camada datável do século XVII/XVIII. São peças habitualmente transportadas por peregrinos que visitavam santuários durante a Idade Média e os inícios da época Moderna. Peças semelhantes a estas têm surgido por



toda a Europa. Em Portugal, entre os vários exemplares conhecidos (Gomes, 2011) conta-se um recolhido em Palmela, com um hexafólio gravado numa das faces do reservatório, que foi datado do século XIV (Fernandes e Santos, 2008, fig. 17). As duas âmbulas recolhidas no poço dos Paços do Concelho têm uma iconografia idêntica: um hexafólio numa face e, na face oposta, uma vieira – o que nos leva a colocar a hipótese de terem origem em Santiago de Compostela, embora a representação da concha de vieira não fosse um exclusivo das âmbulas originárias daquele santuário. A importância de Santiago de Compostela para os cristãos portugueses é sobejamente conhecida. Durante o século XIV, a rainha Santa Isabel terá ido a Santiago, já após a morte de D. Dinis (Moreno e Martins, 1993, p. 99-110) e o próprio rei D. Manuel, em Outubro de 1502, terá efectuado uma peregrinação a Santiago para “*agradecer al Apóstol toda a bienaventuranza con la que había sido agraciado. Pidió igualmente fuerza para poder continuar la empresa de los descubrimientos y de la expansión*” (Ibídem, p. 114-117). A própria população da vila de Torres Vedras teria uma grande devoção a Santiago, padroeiro de uma das suas igrejas paroquiais, localizada a cerca de 160 m do poço. É

pois natural que, nos inícios do século XVI ou ainda nos finais da centúria anterior, um dos proprietários do poço se tenha deslocado em peregrinação àquele santuário e de lá tenha trazido as âmbulas com óleo sagrado como relíquia ou recordação. A discrepância entre a cota máxima a que cada um dos exemplares foi recolhido – entre os -15,00 m e os -14,30 m –, pode justificar-se por terem sido atiradas ao poço em épocas diferentes ou, como foi referido, por uma delas ter assentado no topo do cone de deposição, enquanto a outra poderá ter resvalado para uma zona lateral mais profunda.

3.3 O século XVII

Entre as cotas de -14,30 m e de -14,80 m, recolheram-se essencialmente materiais do século XVII. As peças encontravam-se em finas camadas formadas por bolsas de lodo e de areias lodosas, exceptuando a camada superior, formada por incontáveis fragmentos de telhas de canudo e nódulos de argamassa com o negativo das telhas. As pedras eram agora muito raras. As cerâmicas finas são dominadas pelas peças de faiança portuguesa branca ou com decoração a azul e



manganês, enquanto na louça recoberta por vidro plumbífero se destacam os potes verdes de duas asas. Recolheram-se vários púcaros e uma taça baixa para compotas, com decoração por pressão digital, ungui-forme e a punção (Luna e Cardoso, 2006, figs. 45 e 47). A louça fosca é abundante, tendo-se recolhido diversas infusas, bilhas de fundo estreito e panelas de asas horizontais e de asas verticais. A existência de fragmentos de trempes de olaria confirma a produção de louça vidrada em Torres Vedras, já nos inícios do século XVII (Luna e Cardoso, 2006, figs. 34 e 35).

Entre os objectos mais invulgares recolheram-se, neste estrato, uma bala de mosquete (fig. 25), uma figa de osso (fig. 26), uma conta de terço em madeira (fig. 27), uma “mão de almofariz” de madeira (fig. 28) e elementos lavrados em madeira, pertencentes a peças de mobiliário (figs. 29 e 30).

3.4 O século XVIII

Entre os -13,70 m e os -14,30 m, em estratos de lodo

e areia, misturados com algumas pedras e nódulos de argamassa de saibro, recolheram-se vários objectos datáveis do século XVIII, parcialmente misturados com outros claramente do século XIX.

Nesta época, o poço perde importância, observando-se nitidamente que, na segunda metade do século XVIII, era utilizado como vazadouro de restos de alimentos. Tal poderá, eventualmente estar associado ao incêndio ocorrido nos Paços do Concelho, em 1744. A remodelação do imóvel e a posterior instalação de um chafariz público no Largo do Município, em 1776, junto à fachada do edifício municipal, com água canalizada a partir do chafariz dos Canos, terá tornado parcialmente obsoleta a utilização do poço, provavelmente reduzido à função de regadio.

As cerâmicas de mesa continuam a ser maioritariamente portuguesas. Predominam as faianças brancas, nomeadamente os especeiros e os pratéis (Luna e Cardoso, 2006, figs. 54-56) onde, como era costume na época, eram servidas várias iguarias; algumas são decoradas a azul e vinoso, surgindo ainda restos de um

prato de faiança holandesa do período de 1690-1720² (Luna e Cardoso, 2006, fig. 57). Já nas camadas superiores apareceu alguma faiança inglesa branca, de pó de pedra (Luna e Cardoso, 2006, fig. 58). A louça vidrada de produção regional caracteriza-se por peças decoradas com escorridos a melado e verde e manchada também a verde (Luna e Cardoso, 2006, figs. 59 e 60). Destas, existem vários paralelos no convento de N.ª Sr.ª das Neves, em Montejunto (Cardoso, 2009, figs. 46 e 72, n.ºs 27 e 28). Uma malga de barro, de refugio, comprova a continuação da produção oleira na vila de Torres Vedras.

Entre os objectos recolhidos destacamos uma aliança de metal (fig. 31), uma travessa de cabelo feita de carapaça de tartaruga (fig. 32), diversos botões (figs. 33-39), uma tesoura (fig. 40), um garfo (fig. 41), um canivete (fig. 42), uma fivela de cinto (fig. 43), um balde de cobre (fig. 44), três fusos (figs. 45-47), um gancho de ferro com restos do cabo de madeira (fig. 48), um pião (fig. 49) e, entre várias peças de baldes de madeira, recolheu-se um exemplar completo (fig. 50). Estes baldes são semelhantes a outros mais antigos, como o recolhido no naufrágio do navio *Angra D* (Garcia *et alii*, 1999, p. 230, fig. 21), mas no poço dos Paços do Concelho só foram encontrados entre os estratos finais do século XVII e o início do século XIX. Para além destes objectos, encontraram-se várias candeias de folha de ferro, idênticas a outras recolhidas no convento de N.ª Sr.ª das Neves, Montejunto (Cardoso, 2009, figs. 57-59).

A análise de uma amostra de lodo, recolhida à cota de -14,30 m, revelou uma paisagem envolvente, entre os séculos XVIII/XIX, de características bem diferentes da identificada na amostra datada do século XV. Embora as formações vegetais representadas sejam aproximadamente as mesmas, os vestígios relacionados com quintas, hortas, pomares e pastagens são mais reduzidos, reflectindo uma diminuição significativa, tanto na sua abundância como na área de distribuição. Simultaneamente, aumenta substancialmente a representação das florestas e dos matagais evoluídos, a que deverá ter correspondido uma diminuição da presença de rebanhos. O pinhal e os urzais evoluídos aumentam fortemente a sua presença polínica, estando também fortemente representados os frutos e sementes com origem nos prados húmidos, caniçais e juncais das margens dos sistemas de drenagem que alimentam o poço. Assim, pode conceber-se uma Torres Vedras menos rural e mais urbana, com uma menor representatividade das quintas e dos espaços rurais (Queirós *et alii*, 2002).

4. CONCLUSÕES

Podemos situar a data provável de construção do poço, entre os reinados de D. João I e de D. Afonso V. Esta conclusão baseia-se no facto de, nos 10 cm de argilas que assentavam sobre as margas do fundo do poço, até à cota de -15,30 m, se terem recolhido vários fragmentos de recipientes de majólica, das oficinas de Paterna e de Manices, datados do século XV, bem como os restos de uma bolsa de tecido, contendo 25 ceitis de D. Afonso V. Observa-se um certo requinte no tipo de objectos recolhidos nesta primeira fase, consentâneo com algum poder de compra, que poderá estar associado à vivência de uma figura nobre, como testemunham os restos de armamento encontrado. O tipo de vestígios polínicos recolhidos nas mais profundas camadas de lodo permitem-nos integrar o poço numa pequena horta ou jardim. A sua profundidade e a ausência de vestígios de alcatruzes no seu interior, indiciam uma parca utilização em regas, devendo ter servindo essencialmente para abastecimento doméstico, designadamente para consumo, confecção de alimentos, lavagens de louça e roupa, limpeza de habitações e banhos.

Nos materiais correspondentes ao século XVI, encontrados no interior do poço, nota-se uma maior pobreza, relativamente ao período anterior, escasseando as cerâmicas finas, as quais só voltam a ter alguma importância nos finais do século XVII e inícios do século XVIII. A maioria das peças cerâmicas são infusas, púcaros e panelas, situação que se irá manter até ao século XIX, quando aparecem uma série de cerâmicas de mesa e algumas quartas.

O aparecimento de três fusos, datados dos inícios do século XVIII, indicia a prática local da fiação, actividade tradicional e secular, já anteriormente atestada pela presença de um cossoiro de madeira, recolhido numa camada do século XVI.

A urbe tinha crescido e as hortas e quintas viram a sua área gradualmente reduzida. Também o número de rebanhos foi diminuindo, facto observado através dos estudos paleoecológicos realizados aos vestígios provenientes do poço. Torres Vedras era já uma vila menos rural e mais urbana.

O aparecimento de porcelana chinesa em estratos do século XIX parece apontar novamente para uma melhoria das condições económicas dos proprietários, situação que é corroborada por um aumento, no mesmo período, dos utensílios de cerâmica fina, tanto nacionais como ingleses. Todavia, a utilização do poço cessa pouco tempo depois, passando o mesmo a ser utilizado, basicamente, como local de despejos, através de uma pequena abertura deixada sob o edifício da padaria, por onde a equipa de arqueologia logrou penetrar, para proceder à escavação.

2. Agradecemos a Jan Baart esta indicação.

5. CATÁLOGO

- 1 – Broquel. Ferro. Comprimento máximo – 12 cm; largura máxima – 8,5 cm; diâmetro do ônfalo – 8 cm.
- 2 – Pomo de punho de espada. Ferro soldado a cobre. Largura – 6,6 cm; altura – 7,16 cm; orifício do punho – 5,3 cm; orifício do botão – 0,39 cm.
- 3 – Fivela. Liga de cobre. Altura – 2,4 cm; comprimento – 1,89 cm.
- 4 – Fecho de cinturão. Liga de cobre. Comprimento – 4 cm; altura – 4,95 cm.
- 5 – Dado. Osso. Largura – 0,8 cm/0,85 cm.
- 6 – Selo. Chumbo. Diâmetro – 2,9 cm.
- 7 – Pinça. Liga de cobre. Comprimento – 4,5 cm.
- 8 – Fragmento de pente. Madeira. Comprimento máximo – 2,85 cm; largura – 5,67 cm; espessura – 0,75 cm.
- 9 – Colher. Madeira. Comprimento – 19,5 cm.
- 10 – Fragmento de tigela. Madeira. Diâmetro – 24 cm; altura máxima – 8,2 cm.
- 11 – Fragmento de malga. Majólica decorada a azul e dourado.
- 12 – Fragmento de malga. Majólica decorada a dourado.
- 13 – Fivela. Liga de cobre. Altura – 2,55 cm; comprimento – 2,3 cm.
- 14 – Fivela. Liga de cobre. Altura – 3,3 cm; comprimento – 3,6 cm.
- 15 – Fivela. Liga de cobre. Altura – 3,6 m; comprimento – 3,72 cm.
- 16 – Botão de um furo. Osso. Diâmetro – 0,8 cm.
- 17 – Fragmento de pente. Madeira. Comprimento máximo – 2,2 cm; largura máxima – 3,73 cm; espessura – 0,66 cm.
- 18 – Fragmento de pente. Madeira. Comprimento máximo – 3,67 cm; largura – 5,66 cm; espessura – 0,84 cm.
- 19 – Fragmento de pente. Madeira. Comprimento máximo – 6,6 cm; largura máxima – 6 cm; espessura – 0,85 cm.
- 20 – Chave. Ferro. Comprimento máximo – 6 cm.
- 21 – Noz de prumo. Madeira. Comprimento – 7,5 cm; diâmetro – 4,3 cm.
- 22 – Balde. Cobre e ferro. Diâmetro da boca – 23 cm; altura – 16 cm.
- 23 – Âmbula. Liga de chumbo. Altura – 6,95 cm; largura do bojo – 4,21 cm; largura entre asas – 4,4 cm; diâmetro do bojo – 2 cm; diâmetro interno – 1,8 cm.
- 24 – Âmbula. Liga de chumbo. Altura – 6,65 cm; largura do bojo – 4,35 cm; diâmetro do bojo – 1,8 cm; diâmetro interno do bordo – 1,67 cm/1,44 cm.
- 25 – Bala de mosquete. Chumbo. Diâmetro – 1,7 cm/1,74 cm.
- 26 – Figa. Osso. Comprimento – 2,2 cm.
- 27 – Conta de terço. Madeira. Diâmetro – 1 cm.
- 28 – Mão de almofariz. Madeira. Comprimento – 15 cm; diâmetro máximo – 4,5 cm.
- 29 – Pé de móvel. Madeira. Altura máxima – 10 cm.
- 30 – Pião. Madeira. Altura – 6,5 cm.
- 31 – Anel em fita. Liga de prata? Diâmetro – 1,9 cm; espessura máxima – 0,6 cm.
- 32 – Travessa de cabelo. Tartaruga. Comprimento máximo – 9,1 cm; altura máxima – 4,65 cm; espessura – 0,22 cm.
- 33 – Botão com efígie. Estanho. Diâmetro 1,75 cm; espessura – 0,23 cm.
- 34 – Botão. Estanho. Diâmetro máximo – 1,43 cm; espessura – 0,13 cm.
- 35 – Botão de cinco furos. Osso. Diâmetro – 3,37 cm.
- 36 – Botão de cinco furos. Osso. Diâmetro – 2,79 cm.
- 37 – Botão de quatro furos. Osso. Diâmetro – 2,6 cm.
- 38 – Botão com pé. Osso. Diâmetro – 1,42 cm; espessura – 0,67 cm.
- 39 – Botão com pé. Osso. Diâmetro – 1,54 cm; espessura – 0,17 cm.
- 40 – Tesoura. Ferro. Comprimento máximo – 9,85 cm.
- 41 – Garfo. Liga metálica branca. Comprimento da pega – 5 cm; largura da pega – 1,6 cm; comprimento dos dentes – 5,6 cm; largura do garfo – 1,8 cm.
- 42 – Canivete. Liga de cobre. Comprimento do cabo – 6,1 cm.
- 43 – Fivela. Liga de cobre. Altura – 3,5 m; comprimento – 4 cm.
- 44 – Balde. Cobre. Diâmetro da boca – 24 cm; altura – 14,5 cm.
- 45 – Fuso. Madeira. Comprimento – 10,5 cm.
- 46 – Fuso. Madeira. Comprimento – 14,5 cm.
- 47 – Fuso. Madeira. Comprimento – 16,5 cm.
- 48 – Gancho. Ferro e madeira. Comprimento máximo – 13,5 cm.
- 49 – Pião. Madeira. Altura – 6,8 cm; largura máxima – 4,8 cm.
- 50 – Balde. Madeira e ferro. Altura – 30 cm; largura diâmetro da base – 26 cm.

BIBLIOGRAFIA

- BAQUERO MORENO, H. C. e OLIVEIRA MARTINS, A. M. (1993) – Figuras de la realeza portuguesa en peregrinación a Santiago. In Serafin Moralejo e Fernando López Alsina (ed.) – *Santiago, camino de Europa: culto y cultura en la peregrinación a Compostela: Monasterio de San Martín Pinario, Santiago*. Galicia: Dirección Xeral do Patrimonio Histórico e Documental / Fundación Caja de Madrid, p. 99-119.
- CARDOSO, G. (2009) – Sondagens arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º encontro de cultura e património do Cadaval: conhecimento e valorização cultural no concelho do Cadaval, 19 de Maio de 2007*. Cadaval: Câmara Municipal, p. 43-82.
- CARDOSO, G. e LUNA, I. (2000) – A escavação de um poço. *Al-madan*, II série, n.º 9. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p. 210.
- (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval: Câmara Municipal, p. 99-112.
- FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T. (2008) – *Palmela arqueológica: espaços, vivências, poderes*. Palmela: Câmara Municipal. Catálogo.
- GARCIA, C.; MONTEIRO, P. e PHANEUF, E. (1999) – Os destroços dos navios Angra C e D descobertos durante a intervenção arqueológica subaquática realizada no quadro do projecto da construção de uma marina na baía de Angra do Heroísmo (Terceira, Açores). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 2, n.º 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 211-232.
- GOMES, M. V. (2011) – Insignias de peregrinação encontradas em Portugal. In Rosa Varela Gomes, Catarina Tente e Mário Varela Gomes (coords) – *Cristãos e muçulmanos na Idade Média peninsular: encontros e desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve, p. 281-296.
- PONTE, S. (1987) – Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate. *Conimbriga*, 26. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, p. 133-165.
- QUEIRÓS, P. F.; MATEUS, J. E.; MENDES, P. M. e VAN LEEUWAARDEN, W. (2002) – *Estudos de arqueobotânica no poço dos Paços do Concelho, Torres Vedras*. Col. *Trabalhos do CIPA*, 38. Lisboa: Centro de Investigação em Paleocologia Humana e Arqueociências.
- SEIXAS, M. M. (2004) – Alguns achados de interesse heráldico recolhidos nas escavações arqueológicas de Torres Vedras. *Armas e Troféus*, IX série, 2002-2003. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, p. 431-452.
- STARKIE GARDNER, J. (2010) – *Foreign armour in England*. Barrie: RNU Press.
- VIANA, A. (1944) – Museu Regional de Beja: ferragens artísticas; esculturas de osso, proto-históricas; machados da Idade do Bronze; ferragens romanas; jóias de ouro, fivelas, amuletos e outros objectos. *Arquivo de Beja*, 1. Beja: Câmara Municipal, p. 155-166.